

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

*UMA HISTÓRIA DE GÊNEROS: MULHERES E  
HOMENS NA CONSTRUÇÃO DAS FAMÍLIAS DE  
SOLEDADE (DÉCADAS DE 1950 E 1960)*

*MARIA IVONETE DE COUTO BARROS*

**CAMPINA GRANDE – PB**

**AGOSTO de 2008**

MARIA IVONETE DE COUTO BARROS

*UMA HISTÓRIA DE GÊNEROS: MULHERES E HOMENS  
NA CONSTRUÇÃO DAS FAMÍLIAS DE SOLEDADE  
(DÉCADAS DE 1950 E 1960)*

**Monografia de Conclusão de Curso apresentada à Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, como pré-requisito básico para a obtenção do título de Licenciatura Plena em História.**

Orientadora: Profa. Ms. Uelba Alexandre Nascimento.

**CAMPINA GRANDE – PB**

**AGOSTO de 2008**

A monografia *Uma História de Gêneros: mulheres e homens na construção das famílias em Soledade (décadas de 1950 e 1960)* apresentada por Maria Ivonete de Couto Barros, foi aprovada como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em História, pela comissão formada pelos examinadores:

---

Profa. Ms. Uelba Alexandre Nascimento

Orientadora

---

Profa. Ms. Eronides Câmara Araújo

Examinadora

---

Profa. Ms. Silêde Leila de Oliveira Cavalcanti

Examinadora



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

## ***Dedicatória***

A Deus, pela oportunidade e pelo privilégio que nos foram dados em compartilhar tamanha experiência e, por me fazer forte em momentos tão difíceis ao frequentar esse curso, perceber e lutar para a relevância de temas que não fazia parte, em profundidade da minha vida.

A meu pai, por toda confiança, carinho e compreensão que este tem comigo, sempre me encorajando, criando condições precisas para que eu continuasse esta longa caminhada.

A minha mãe, exemplo de simplicidade e fortaleza, que está sempre comigo, me apoiando, dando força, coragem para não desistir.

A toda minha família, que direta ou indiretamente contribuíram para que eu concluísse este curso.

A todos os professores do curso de História e funcionários da Universidade Federal de Campina Grande - PB.

Aos amigos e colegas do curso pela espontaneidade e alegria na troca de informações e matérias numa demonstração de amizade e solidariedade.

## *Agradecimentos*

A DEUS, meu ser supremo, que tenho toda admiração e, a Ele tenho a minha gratidão, por me fazer forte em momentos que nem eu mesma acreditava em mim, e por meu existir.

Ao Programa Estudante Convênio Rede Pública PEC-RP, que me deu a oportunidade de voltar a estudar e concluir o curso de Licenciatura em Historia.

A toda minha família, pelo carinho, compreensão e confiança que depositaram em mim, em momentos que talvez não fui a melhor companhia, por não está presente em muitos momentos difíceis, meu muito obrigado.

A Ms. E orientadora Uelba Alexandre do Nascimento, pelo apoio e presteza no auxilio as atividades e discursos sobre o andamento e normatização desta monografia de conclusão de curso.

Aos meus professores de Historia; Alarcon, Antonio Clarindo, Durval, Ezilda, Fabio Gutemberg in memóriam, Herry Charrriery, Iranilson, Jose Benjamin, Liege, Marcos André, Nilda, Regina, Rosilene, Silêde e Zenon, pala colaboração, dedicação e entusiasmo demonstrado ao longo do curso, pelos quais tenho profunda admiração.

A todos os meus amigos e colegas do curso, que juntos dividimos alegrias e angústias e que sempre me incentivaram e ajudaram nos momentos difíceis. Em especial Rosana, Wellington, Rose, Roberta, Vanessa, Ivone, Iviny, Luciana, Paula, Saulo, Fabiana Patrício, Cleidimar, Expedita, Elton, Claudineide, Jailma que digitou este trabalho, aos motoristas do ônibus Gilberto e Valdemir, que estiveram presente todos os dias, por estes, e todos aqueles que contribuíram para o meu crescimento profissional e pessoal que não estejam aqui citados, mas estarão sempre nas minhas lembranças.

Aos demais idealizadores, coordenadores e funcionários dessa Instituição, meus eternos agradecimentos.

## ***Resumo***

Este trabalho busca desenvolver uma análise das famílias em Soledade nas décadas de 1950 e 60, avaliando entrevistas concedidas por moradores da cidade que viveram no período retratado e sua relação com a própria história escrita. O recorte temporal e espacial proposto fundamenta-se em pesquisar os princípios fundamentais que contribuíram na formação das famílias da época. Pretendo com este trabalho reescrever a historicidade de Soledade, expondo que esta não se formou a partir de um único perfil que os identifique e os diferencie das demais famílias do resto do país, visto que encontramos diferentes perfis das famílias, herdeiras de antigas idéias, que são renovadas constantemente. Para tanto, foram classificados algumas “funções” e práticas de mulheres e homens, podendo ser identificados entre estes, personagens que contribuíram para a realização de tais práticas, como os filhos, os amigos e as autoridades locais. Partindo tal reescritura de pesquisas, é também importante salientar a importância dos relatos orais de memória na reconstrução do passado e na identificação de aspectos herdados deste, que delinearão certa cultura local, especificamente a cultura soledadense. O interesse na produção deste trabalho surgiu da percepção da carência de pesquisas acadêmicas concernentes à historicidade de Soledade. O esforço empreendido para tal realização advém da perspectiva de contribuição com a historicidade local, assim como o intuito em despertar o interesse de outros pesquisadores pelo tema.

**Palavras-Chave:** Soledade; Famílias; Cotidiano.

## abstract

That work search to develop an analysis of the families in Soledade in the decades of 1950 and 60, being of analyses of interviews and his/her relationship with the own written history. The temporary and space cutting proposed is based in researching the fundamental beginnings that contributed in the formation of the families of the time. I intend with this work to rescue the historicity of the city of Soledade, exposing that this he/she was not formed starting from a single profile that identifies them and differentiate them of the other families of For so much, the woman's papers were classified and of the man, could be identified among these, characters that contributed to the accomplishment of such papers, as the children, the friends and the local authorities. Breaking such rescue of researches, it is also important to point out the importance of the oral reports of memory in the reconstruction of the past and in the identification of inherited aspects of this, that they delineated a local culture, specifically the culture soledadense. The interest in the production of that works.

Key Words: City; Family; quotidian



## ***Ilustrações***

Ilustração 1 – Escassez da água em Soledade, no ano de 1957.....	19
Ilustração 2 – Inauguração do asfalto da BR-230 em Soledade no ano de 1968 .....	22
Ilustração 3 – Inauguração da rede ferroviária em Soledade, no ano de 1958 .....	23

## **Sumário**

<b>Introdução.....</b>	<b>09</b>
<b>Capítulo I: <i>Uma Cartografia Urbana de Soledade</i>.....</b>	<b>18</b>
<b>Capítulo II: <i>Sonhos, Perspectivas e Dificuldades das Mulheres dos Anos 1950 e 60 em Soledade</i>.....</b>	<b>25</b>
<i>Da infância à adolescência: a educação para ser boa dona de casa.....</i>	25
<i>O valor atribuído à mulher/esposa/mãe e sua relação com o trabalho.....</i>	31
<b>Capítulo III: <i>Homens no Âmbito Familiar e Social em Soledade nas Décadas de 1950 e 60</i>.....</b>	<b>37</b>
<i>Relação dos homens com a infância e o namoro.....</i>	37
<i>Homem: “trabalhador e esposo”.....</i>	38
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>46</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>49</b>

## *Introdução*

Nos limiares do tempo, a imagem da família passa por transformações e ganha aspectos intrínsecos aos costumes concernentes a cada época e espaço geográfico. Ganha também novas dimensões estruturais. E isso nos desperta o interesse historiográfico que advém da importância dessa instituição no delinear da cultura de cada sociedade. Dessa forma, explica-se nossa preocupação (e a de muitos historiadores) em estudá-la, dando ênfase aos personagens que dão sentidos diversos à constituição de uma sociedade. A idéia da formação de famílias, nesse sentido, data de tempos remotos, como nos afirma Ariès<sup>1</sup> em estudo acerca da continuidade longínqua do modelo familiar:

[...] a iconografia nos permite acompanhar a ascensão de um sentimento novo: o sentimento da família. Espero ter sido bem compreendido. O sentimento era novo, mas não a família [...]. [...] não há a menor dúvida de que a família foi constantemente mantida e reforçada por influências ao mesmo tempo semíticas (e não apenas bíblicas, creio eu) e romanas (pp. 222-223).

Tal sentimento de investigação acerca desse tema nasceu do impulso histórico de registrar em documentos a contribuição da imagem da família em um tempo e espaço geográfico definidos. Para tanto, escolhemos a cidade de Soledade, no interior da Paraíba, e demarcamos a periodicidade que abrange as décadas de 1950 e 60.

Pretende-se, assim, re-elaborar a historicidade dos discursos de pessoas que vivenciaram a época citada, no tocante à relação das mesmas com alguns acontecimentos e costumes, bem como as mudanças que ocorreram naquele contexto da cidade. As fontes utilizadas foram orais, referentes à especificidade temporal e espacial escolhida, e escritas, concernentes a livros que tratam de história nacional. As entrevistas se deram com pessoas “comuns” que viveram na época analisada em Soledade, através das quais é possível expressar as manifestações e os princípios comportamentais de uma geração que influenciou nos comportamentos de experiências que se prosseguiram.

No que diz respeito às fontes escritas, vemos como estas tiveram a função de localizar as falas dos entrevistados dentro de um quadro mais “geral” – ao qual a cidade

---

<sup>1</sup> ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981, p. 223.

de Soledade faz parte –, nas décadas de 1950 e 60 no Brasil, e identificar a importância das análises históricas para uma pesquisa acerca de momentos passados que influenciaram na “continuidade” de uma sociedade, momento por nós considerado como de transição e convivência de vários valores ditos *modernos* com resquícios, ainda latentes, de certo *patriarcalismo*. Tais fontes estão assim definidas: Amado e Ferreira<sup>2</sup>, que serviram de guias para os passos das pesquisas, compreendendo o quão importante são as análises acerca do passado para a “reconstrução” da história e construção do tempo presente, assim como nos fizeram identificar as funções do historiador oral, dentre as quais cabe ressaltar que este “é algo mais que um gravador que registra os indivíduos ‘sem voz’, pois procura fazer com que o depoimento não desloque nem substitua a pesquisa e a conseqüente análise histórica”; Alberti<sup>3</sup> foi importante para que os passos que fossem seguidos buscassem melhores direcionamentos na realização das entrevistas; sua leitura foi importante para a obtenção do êxito na transcrição das mesmas: “é na realização de entrevistas que se situa efetivamente o fazer a história oral; é para lá que convergem os investimentos iniciais de sua implantação do projeto de pesquisa [...]”; Ariès<sup>4</sup>, já citado, demonstra bem as imagens da família no decorrer dos tempos; Bosi<sup>5</sup> nos enriquece, pois enfatiza a importância da memória na construção da sociedade; Priore<sup>6</sup>, que no conjunto de textos selecionados, faz uso de temas que tratam da convivência entre homens e mulheres na época analisada e cujo teor analítico enfatiza o se fazer mulher, com traços da imagem masculina frente a estas; Sampaio<sup>7</sup>, o qual serviu para fazer referência direta com a cidade de Soledade e com a cidade de Cabaceiras; e Filho<sup>8</sup>, que nos serviu como relator de “dados históricos”. Além destas fontes, tivemos acesso a fotos que foram cedidas por um dos entrevistados, o Sr. Auri Andrade.

---

<sup>2</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. (Orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. 2ª ed. Tradução de Luiz Alberto Monjardim, Maria Lúcia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.17.

<sup>3</sup> ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 79.

<sup>4</sup> ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.

<sup>5</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

<sup>6</sup> DEL PRIORE, Mary (org.) *História das Mulheres no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>7</sup> SAMPAIO, Paula Faustino. “Já sei namorar: memórias dos namoros em Cabaceiras - PB entre os anos de 1930 e 1940”. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. *Textos Didáticos – Ano 1, v. 1, nº. 1 – Campina Grande: EDUFCG, 2006 (Série História) semestral*.

<sup>8</sup> FILHO, Inocêncio Nóbrega. *Malhada das Areias Brancas*. Fortaleza: Escola Tipográfica São Francisco, 1974.

### *A importância dos relatos orais de memória*

A observação de fatores históricos nas décadas de 1950 e 1960 pôde ser realizada a partir da participação da família neste ensejo, assim como a organização estrutural da cidade como nos relata o professor entrevistado, o Sr. Juarez<sup>9</sup>: “a convivência da família na minha época, tempo de criança, era muito interessante, me lembro que toda nossa família morava perto um do outro, meus tios, meus avôs, existiam um intercâmbio em todo o aspecto, na comunicação e no servir um ao outro”.

A coesão familiar parecia muito importante para esse espaço social, que era visto como uma extensão fundamental da sociedade; Bosi<sup>10</sup> corrobora essa assertiva:

Uma larga parentela de tios, primos, padrinhos rodeava de tal maneira o núcleo conjugal que ele se sentia parte de um todo maior. Nos moldes de hoje a família – em estrito senso – rema contra a maré de uma sociedade concorrencial, onde a perda de um dos seus poucos apoios é absoluta e irremediável falta-lhe o envolvimento da grande família de outrora em que o bando de primos fazia às vezes de irmãos, e onde tios, parentes e agregados acompanhavam a criança desde o berço.

Destarte, os membros das famílias contribuíram/contribuem para a formação de uma das instituições consideradas mais importantes da sociedade, a família, sobre a qual se enfatiza os papéis concernentes a cada membro, assim como a contribuição destes para a boa relação entre ela e os demais habitantes da cidade – neste caso, Soledade. Principalmente em se tratando de uma instituição na qual a união e a cumplicidade, inclusive em querelas familiares e políticas, parece delinear os modos de viver. Algumas entrevistadas também discorrem acerca da importância dos parentes, entre os quais aos mais velhos cabia o lugar de “respeito e admiração”, como na fala do Sr. Manoel Caetano<sup>11</sup>:

[...] as crianças eram “melhor” que as crianças de hoje, porque era menos criança, porque eles respeitava pai e mãe e padrinho, hoje as crianças não tem mais respeito por ninguém, os pais tão conversando, as crianças toma a

<sup>9</sup> Entrevista concedida à autora por Juarez Filgueiras de Góis, casado, professor, 60 anos, no dia 07 de julho de 2008.

<sup>10</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 423.

<sup>11</sup> Entrevista concedida à autora por Manoel Caetano Souto, casado, comerciante, 63 anos, no dia 10 de julho de 2008.

frente. Naquela época, onde tivesse dois “senhor” de idade “conversano”, criança não atravessava na frente.

Neste trecho, verifica-se a presença de certas mudanças entendidas pelos entrevistados, as quais fazem parte do quadro da história de Soledade. Nunes<sup>12</sup> relata tais mudanças concernentes às décadas de 1950 e 1960 em âmbito espacial mais extenso:

Nas décadas de 1950 e 1960, período de grande efervescência na sociedade brasileira, desenvolve-se os processos de industrialização e de urbanização acelerada, de decisivo atrelamento da economia ao capital internacional, mudando-se a composição dos blocos de poder nacional. As transformações na área cultural são também marcantes. Os meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, interligam pessoas e grupos. Novos comportamentos no âmbito da sexualidade são propiciados pelo uso da pílula anticoncepcional.

Mesmo ocorrendo essas transformações, numa cidade como Soledade, ainda havia uma forte ligação da Igreja com a imagem feminina, na qual aquela agia sobre essa, fazendo relação entre as ações e o pecado, como em um exemplo dado pelo professor entrevistado, Sr. Juarez<sup>13</sup>, acerca do “descontrole” da natalidade: “a Igreja era quem controlava, porque evitar um filho era um pecado mortal”. Dessa forma, verifica-se mais um âmbito em que a mulher é colocada em posição inferior, sendo submissa às ordens de quem detinha o poder; fosse seu pai, seus irmãos, seu marido ou mesmo o padre da localidade.

As análises que aqui serão feitas acerca do “papel” da família, advêm das narrativas orais, frutos da “memória de um povo”. Para enfatizar a importância dessas narrativas orais, iremos discorrer sobre um interessante ponto que a autora Bosi nos lembra, de que essas memórias são *Histórias de Velhos*, memórias que “se perderam”, porque as suas experiências já não são consideradas tão importantes. E eles, os velhos, sentem uma paixão em relatar suas experiências porque estas tanto os levam de volta àquele tempo, como também os fazem relatar com empolgação, em caráter de conselho,

---

<sup>12</sup> NUNES, Maria José Rosado. “Freiras no Brasil”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 496.

<sup>13</sup> Entrevista concedida à autora por Juarez Filgueiras de Góis, casado, professor, 60 anos, no dia 07 de julho de 2008.

de fazer com que aquele que escuta assimile alguns valores tradicionais; Bosi<sup>14</sup> ainda afirma que a perda dos conselhos se dá à falta da busca pela *sabedoria*:

Hoje não há mais conselhos, nem para nós nem para os outros. Na época da informação, a busca da sabedoria perde as forças, foi substituída pela opinião. [...] o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam [...].

Então, o *conversar* para aqueles que viveram nas épocas de 1950 e 1960 têm uma importância relevante, sendo dessa forma percebido nas entrevistas o relato de seus feitos, de suas conquistas, seus empreendimentos, assim como o relato acerca dos valores vigentes. Inconscientemente talvez, os entrevistados deixam claro como sua percepção acerca da “realidade” a qual participaram contribuiu para delinear o cenário de Soledade nas décadas analisadas.

O saudosismo traz à tona uma expressão descrita por Bosi<sup>15</sup> acerca do “tempo” em que os entrevistados viveram, sobre a qual ela comenta: “curiosa é a expressão meu tempo usada pelos que recordam. Qual é o meu tempo, se ainda estou vivo e não tomei emprestada minha época a ninguém [...]”. O tempo dos entrevistados é aquele em que eles contribuía de forma material para o desenvolvimento da cidade, assim como o tempo em que suas forças eram gastas naquilo que lhes dava prazer, fosse no trabalho, fosse com a família ou com os amigos.

Os “fatos históricos” relatados em livros, documentos ou revistas nos ajudam a delinear os comportamentos de cada época, mas é imprescindível o reconhecimento de pessoas “comuns” que contribuía para o quadro geral do cotidiano familiar nos anos de 50 e 60; sobre esta importância, Bassanezi<sup>16</sup> nos afirma:

Seria fácil atribuir as mudanças percebidas simplesmente ao avanço dos tempos e às novas mentalidades, como costumavam fazer as revistas da época. Seria correto levar em conta fatores sociais, políticos, econômicos e demográficos [...] para explicar as transformações ocorridas. Entretanto, não devem ser esquecidas as pessoas concretas que, vivendo os Anos Dourados com idéias diferenciadas, ousadia, coragem e vontade de renovação, fizeram com que estes anos tivessem também outras tonalidades e cores.

---

<sup>14</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 85.

<sup>15</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 421.

<sup>16</sup> BASSANEZI, Carla. “Mulheres dos Anos Dourados”. In: DEL PRIORE, Mary (org.) *História das Mulheres no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 637.

As lembranças são relatadas pelos entrevistados com a repetição de expressões como “naquele tempo” ou “antigamente”, o que denota não só a distância no tempo, como também nos costumes/hábitos que vão ganhando novas estruturas, novos valores. Essas mudanças fazem parte da memória dos entrevistados de Soledade, que coloca nelas algumas explicações para o delinear da “cultura local”. A cidade na época analisada tinha praticamente só o centro; a BR-230, que atravessava a entrada da cidade, foi inaugurada em 1968 e as famílias todas eram conhecidas. Conforme um dos relatos, o *forasteiro*, ou seja, a pessoa que vinha de fora, geralmente não era bem vinda, sendo tratada com desconfiança: “não existia quase ninguém de fora, era mais família da cidade. É tanto que quando chegava uma pessoa de fora, todo mundo ficava de olho” (Juarez<sup>17</sup>). A chegada da energia elétrica, por exemplo, passou a mudar esses hábitos, inclusive das moças, que antes não podiam ficar até tarde na rua, como nos fala o Sr. Auri<sup>18</sup>:

[...] 9 horas dava sinal, se apagava aí pronto, era bom pra nós. [...] apagava, aí todo mundo corria pra casa. A mulher era a principal, hora de dormir. Você não via 10 horas uma mulher na rua não, só se fosse uma mulher livre, mulher vulgar. Mas as moças que naquele tempo tinha conhecimento, sai nada, moça saía não [...].

As mudanças que aconteciam no âmbito estrutural da cidade acabavam contribuindo para a diversificação também das mentalidades. A percepção e a aceitação dos entrevistados acerca do momento presente também são importantes para que se possa delinear esses paralelos e discorrer acerca das diferenças e do valor que o “novo” traz para cada sociedade. Sobre a importância da memória como função social, Bosi<sup>19</sup> afirma:

É o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número das imagens de outrora, e esta faculdade de lembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora.

<sup>17</sup> Entrevista concedida à autora por Juarez Filgueiras de Góis, casado, professor, 60 anos, no dia 07 de julho de 2008.

<sup>18</sup> Entrevista concedida à autora por Auri Andrade, casado, aposentado, 76 anos, no dia 08 de julho de 2008.

<sup>19</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 81.



Essa percepção de mudança pode ser bem verificada na resposta dada pela comerciante Maria do Carmo<sup>20</sup>: “[...] havia muito respeito, num tem palavras pra definir. Minha mãe sempre quando falava com a gente e dizia assim: ‘no meu tempo não era assim’... E hoje eu achava que não fosse, mas hoje eu já vejo a diferença do meu tempo para o tempo de hoje”.

Quando ela memoriza a fala da mãe e relata que esta dizia que *no meu tempo não era assim*, está consciente de que o tempo referente à adolescência de sua mãe era diferente do seu, e este, por conseguinte, é diferente do atual. E bem como os adolescentes de hoje, ela também não dava muita importância e acaba dizendo, hoje, a mesma coisa que a mãe dizia. Destarte, é de suma importância o relato de pessoas que viveram o período analisado para se fazer o esboço das décadas de 50 e 60, confrontando, de forma confiável, com o tempo atual.

Assim como também é importante a presença de testemunhas que possam confirmar o que está sendo relatado, visto que, conforme Bosi<sup>21</sup>, “somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que se confirme a nossa visão [...]”. Tanto na citação supracitada da entrevistada Maria do Carmo como na fala do Sr. Auri, percebemos a presença dessa busca por outrem que possa confirmar o já dito. O Sr. Auri<sup>22</sup> inicia sua entrevista da seguinte forma: “Mulher assim como você ‘tá’ falando, não podia chegar perto não, corria com mula, pode perguntar a minha ‘véia’ que ela diz”.

Delineado o quadro acerca das lembranças referentes aos costumes de Soledade nas décadas de 50 e 60, percebemos que a família tem função importante. A ela era dado um valor de *estruturadora* da própria vida; sem ela, sem a presença da união entre os parentes e destes com amigos e familiares seria mais difícil descrever uma sociedade, mostrando que ela tem tradição e história. Seus membros, representados aqui por alguns moradores de Soledade que forneceram dados de suma importância, são responsáveis pela presença do passado anterior a eles, uma vez que guardaram falas e escritos de seus antepassados, assim como a presença de seu passado que ficará “preso” nas linhas esboçadas por eles mesmos; e ainda são responsáveis por essa geração atual, uma vez

---

<sup>20</sup> Entrevista concedida à autora por Maria do Carmo Gouveia, 70 anos, professora aposentada e comerciante, no dia 04 de julho de 2008.

<sup>21</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.407.

<sup>22</sup> Entrevista concedida à autora por Auri Andrade, casado, aposentado, 76 anos, no dia 08 de julho de 2008.

que suas palavras, tendo caráter de conselhos, atingem, mesmo que de forma inconsciente, a educação e os hábitos dos seus descendentes.

Quanto às entrevistas realizadas, nossas perguntas tiveram o intuito de salientar as fases as quais os entrevistados passaram – infância, adolescência e fase adulta – e sua visão acerca dos problemas enfrentados em cada uma delas, incluindo fatos considerados decisivos como o casamento.

Mesmo levando-se em consideração que muitos são os personagens “anônimos”, em suas definidas funções e contribuições, que formam uma família, tal trabalho demonstra as “funções” dos dois gêneros humanos, homem e mulher, e tal delimitação foi proposta na tentativa de melhor ajudar na compreensão por parte do leitor.

Assim, este trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado, *Uma Cartografia Urbana de Soledade*, mostraremos como alguns espaços que foram escritos historicamente como primordiais para o desenvolvimento urbano desta cidade se fizeram presentes no cotidiano das pessoas que viveram na época citada e como as experiências compartilhadas contribuíram para as “funções” de homens e mulheres nas famílias de Soledade, além de se fazer necessário pela finalidade de informar ao leitor os aspectos da cidade analisada, desde as características de sua população até a estrutura da própria cidade e sua relação com cidades vizinhas.

No segundo, intitulado *Sonhos, Perspectivas e Dificuldades das Mulheres dos anos 50 e 60 em Soledade*, iremos analisar os tipos de mulheres que fizeram parte desse cenário, assim como as contribuições estruturais que as mesmas forneceram para o delinear da construção das famílias da época. O título do capítulo concerne com o princípio da representação da mulher enquanto tal, uma vez que ela é “moldada”, como veremos no decorrer do texto, nos ditames da sociedade patriarcal, na qual são ressaltados seus sonhos – como algo subjetivo –, suas perspectivas, sendo estes atrelados à figura do homem e às dificuldades que tais mulheres enfrentaram em uma convivência de limites e submissão, especialmente em se tratando de uma cidade pequena como Soledade.

O terceiro capítulo, intitulado *Homens no Âmbito Familiar e Social em Soledade nas Décadas de 1950 e 60*, foi pautado na imagem masculina, na intenção de perceber a contribuição desta na formação da família nas décadas de 1950 e 60, assim também como seus costumes nos ditames sociais da cidade pesquisada. Foi enfatizada, pelos entrevistados, sua “função” no exterior da casa, uma vez que seus feitos têm caráter objetivo e são realizados no intuito de permanecer “memorizados na história”.

Há de ressaltar-se a importância dos relatos orais para a construção deste segundo capítulo.

Seguem-se, completando o seguimento do trabalho, os anexos, nos quais estão inseridas as entrevistas escolhidas para a realização do mesmo.

Destarte, o cerne desta pesquisa está pautado nas versões daqueles que participaram e testemunharam os “percursos” da história de Soledade nas décadas de 1950 e 60. No entanto, tal realização se dá com as relações que podem ser traçadas a partir da análise de documentos produzidos e construídos historicamente com algumas intencionalidades e interesses.

## *Capítulo I*

### *Uma Cartografia Urbana de Soledade*

O município de Soledade se situa no interior da Paraíba. Historicamente, a cidade tem origem em um núcleo rural chamado *Malhada das Areias Brancas*, o qual serviu de título para um livro-documentário acerca de sua origem e história, escrito por um dos cidadãos da cidade, o economista e jornalista Inocêncio Nóbrega Filho.

Filho<sup>23</sup> relata as origens do local, apontando algumas dificuldades de se chegar a um consenso concernente à fundação da cidade, visto serem as informações decorrentes de opiniões: “umas, referindo-se ao ano de 1856<sup>24</sup>; outras adotando o meiado de 1872, aludindo ao fato da construção do antigo açude Sant’Ana, pelo padre Ibiapina, o qual procedeu na ocasião obra missionária”. Sendo produtos de opinião, ainda surge outra possibilidade, do fato da fundação ter ocorrido entre 1861 e 1864, devido à segunda epidemia de cólera no estado. Dessa forma, o próprio autor reconhece a carência e admite falta de provas racionais no consenso, adotando para sua investigação um texto encontrado na Imagem da Padroeira: “J. B. Lapa, 26.7.1867, é no momento o ponto de referência mais preciso, servindo mesmo de certidão de nascimento de nosso núcleo”<sup>25</sup>.

Mas a primeira missa da cidade data de 25 de dezembro de 1856, celebrada pelo coadjutor da Paróquia de São João do Cariri, o padre Manoel Ubaldo da Costa Ramos, que era missa de Natal. Porém, o padre que se destaca na história da cidade é Ibiapina, o qual tendo conhecimento que os enterros eram realizados “o menos distante 20 quilômetros”, inicia a edificação de uma necrópole que recebe benção diocesana no dia 21 de março de 1898. Nos relatos do autor há a demonstração de festas e pregações públicas acontecidas ao mesmo tempo da construção, salientando o temperamento da localidade para festas associadas à Igreja, sendo estas vigorando até as décadas de 50 e 60, como nos relata o Sr. Manoel Caetano<sup>26</sup>: “Soledade antigamente até 70 anos mais ou

---

<sup>23</sup> FILHO, Inocêncio Nóbrega. *Malhada das Areias Brancas*. Fortaleza: Escola Tipográfica São Francisco, 1974, p. 14.

<sup>24</sup> Tal informação foi retirada pelo autor do livro *Datas e Notas para a História da Parahyba*, escrito por Irineu Ferreira Pinto, Vol. II, 1916.

<sup>25</sup> FILHO, Inocêncio Nóbrega. *Malhada das Areias Brancas*. Fortaleza: Escola Tipográfica São Francisco, 1974, p. 15.

<sup>26</sup> Entrevista concedida à autora por Manoel Caetano de Souto, casado, comerciante, 73 anos, no dia 10 de julho de 2008.

menos as festas da padroeira não era no mês de julho, era no fim do ano, em dezembro, agora era tradição, era festa boa, muito animada”.

Seu aspecto climático não apresenta favores referentes às chuvas; tal fenômeno está exposto no livro histórico analisado, sobre o qual o autor afirma:

Encravada na região central do Estado dos Cariris, Zona Borborema Central, que tem um área de 19.888 km<sup>2</sup> e localizada no Polígono das Secas e jurisdição econômica da SUDENE, o sítio urbano ou municipal de Soledade alcança, contudo, pequena área, cuja média pluviométrica anual não excede a 340 mm. de chuvas. Essas são, portanto, escassas [...] (p. 28).

Tal aspecto é também vivenciado por seus moradores nas décadas analisadas; em sua fala, D. Lindalva<sup>27</sup> discorre acerca dos problemas enfrentados por falta de água: “todo mundo era unido, muita gente, era bom. Tinha muita seca, era muito seco aqui, pegava água numa cacimba, era fila de gente esperando”. Como nos mostra a *foto 1*, ainda no final da década de 1960, as filas de pessoas para pegar água permaneciam fazendo parte da realidade de Soledade:



**Foto 1: Momento de seca vivenciado pelos moradores da cidade de Soledade no ano de 1957<sup>28</sup>.**

<sup>27</sup> Entrevista concedida à autora por Lindalva dos Santos, casada, dona de casa, 73 anos, no dia 04 de julho de 2008.

<sup>28</sup> A foto data de 1957, a energia de Paulo Afonso chegou no final dos anos 60. A presença dos postes de eletricidade explica-se, porque antes da energia de Paulo Afonso, em Soledade já existia energia, mas essa funcionava com um motor. A energia se apagava às 22 h.

Além da seca, outra esfera pública também sofria com o atraso presenciado na cidade de Soledade nas décadas de 1950 e 60, que era a educação. No âmbito da educação, verifica-se entre os entrevistados pouca importância, uma vez que para se viver em cidades interioranas, a qual é uma característica de Soledade, na época, não era preciso ter escolaridade, pelo menos não no tangente à população que não queria sair e continuar sua vida fora da localidade, como é o caso das pessoas entrevistadas que têm muito em sua memória, devido ao fato de na cidade terem se estabelecido. Até o ano de 1974, ano da publicação do livro do economista Inocêncio Filho<sup>29</sup>, o problema da educação já era de grande porte: “Soledade, por ser um município ainda carente de recursos financeiros de maior monta, como são outros que o circundam, ainda dispõe de pequeno número de escolas e professores”. No entanto, entre os entrevistados temos a presença de alguns professores, sendo, inclusive, um profissional do sexo feminino, a qual diz: “[...] algumas tinham profissão, era professora. Quando eu me casei, já tinha minha profissão, era professora, mas a maioria das mulheres daquela época era criada para o lar [...]” (D. Salete de Oliveira<sup>30</sup>). Assim como também temos a fala de um dos entrevistados que assume a falta de escolaridade, mas lembra que passou dificuldades para que seus filhos se formassem: “[...] teve um tempo que a gente passou um sacrifício muito grande, minha esposa era viva, era professora, eu trabalhei na prefeitura, mas a gente tinha seis pessoas na Universidade, veja bem, pagando transporte, “num tinha” transporte para viajar, tinha que pagar” (Sr. Manoel Ruzio<sup>31</sup>).

São destacadas festas tradicionais/típicas que são relatadas por Filho<sup>32</sup>, definindo-as como “folclores”, sobre as quais ele enfatiza:

O que é folclore não desaparece enquanto perduram vestígios de certo estilo rústico. Reviverá todas as vezes que se implante um contexto cultural que o sustente. Tudo que represente antiguidade, que se arraigue a uma tradição, constitui fundamento sociológico o qual se comporte em funções folclóricas cuja evidência desta decorre da integridade espiritual ou integração comunitária.

<sup>29</sup> FILHO, Inocêncio Nóbrega. *Malhada das Areias Brancas*. Fortaleza: Escola Tipográfica São Francisco, 1974, p. 45.

<sup>30</sup> Entrevista concedida por Maria Salete de Oliveira, professora aposentada, casada, 67 anos, no dia 02 de julho de 2008.

<sup>31</sup> Entrevista concedida à autora por Manoel Caetano de Souto (Ruzio), viúvo, aposentado, 78 anos, no dia 08 de julho de 2008.

<sup>32</sup> FILHO, Inocêncio Nóbrega. *Malhada das Areias Brancas*. Fortaleza: Escola Tipográfica São Francisco, 1974, pp. 52-53.

Acerca das citadas festas, o autor relata: “quadrilha, argolinha, vaquejada, pastório e, precipuamente, as da padroeira, realizadas anualmente, nos dias 29, 30 e 31 de dezembro”<sup>33</sup>, lembrando também festas referentes às crianças e a personagens que fizeram parte da história da cidade de Soledade nas décadas de 1950 e 60. Tais festas são lembradas pelos entrevistados que nutrem um saudosismo e comparam as festas de sua época com as atuais:

O clube ainda não funcionava, a sede, mas as festas de pavilhão, as festas de barraca era festa marcante na história da cidade. O São João e a Festa de Padroeira no fim de ano, era tanto que a festa de padroeira era 26 de julho, no entanto era feita no final de ano. Todas as famílias que moravam fora, até no Sul do país, tirava férias quem trabalhava pra vim passar, nessa época que a festa de fim de ano. Hoje é diferente, porque toda semana tem festa [...] nós da meia idade pra frente, já temos medo de participar das festas de clube, porque não é mais... a violência (Sr. Juarez<sup>34</sup>).

De modo semelhante, verifica-se a importância dada pelos moradores da cidade às suas tradicionais festas e como as denotam a angústia da não valorização atual em um modo de vida que fez parte da construção da “cultura local”.

Os moradores, mesmo vivendo em um espaço de difícil acesso, uma vez que a seca estava presente e as dificuldades financeiras se mostravam de modo incisivo, era/é uma população que sabe lidar com as divergências do tempo e das limitações financeiras, vendo em todos os acontecimentos, motivos para festejos. As mudanças concernentes ao desenvolvimento da cidade eram recebidas com muita alegria, como por exemplo, a construção da BR-230: “[...] o asfalto, tudo nessa época de 50 e 60. Eu tenho um material, tudo foto, [...] festejos, autoridades vinham pra essa inauguração [...]” (Sr. Auri<sup>35</sup>). Tal relato é corroborado pela foto 2, a qual se vê a presença de pessoas que são consideradas importantes para a localidade, assim como pelas pessoas mais comuns. E essa percepção se dá pela nítida separação dos grupos entre classes que se destacam pela roupa e/ou mesmo pela posição que ocupam na foto.

---

<sup>33</sup> Ibidem, p. 54.

<sup>34</sup> Entrevista concedida à autora por Juarez Filgueiras de Góis, casado, professor, 60 anos, no dia 07 de julho de 2008.

<sup>35</sup> Entrevista concedida à autora por Auri Andrade, casado, aposentado, 67 anos, no dia 07 de julho de 2008.



**Foto 2: Festa de inauguração do asfalto da BR-230, no ano de 1968, em Soledade.**

A BR-230 é considerada um marco de seu desenvolvimento, uma vez que liga a cidade de Soledade a Campina Grande. Por meio dela, houve um aumento nos restaurantes, nos quais os viajantes almoçam e param para descansar, assim como também, como nos cita o Sr. Juarez<sup>36</sup>, surge a rede Hoteleira: “[...] é impressionante a rede hoteleira, é uma coisa demais, por conta do ponto estratégico geograficamente; então as pessoas lá de Campina Grande “dá” uma paradinha aqui, almoça [...]”. Esse “marco” no desenvolvimento também foi enfatizado por Filho<sup>37</sup> da seguinte forma:

[...] ergueu-se a BR-230, cujo primeiro trecho Campina Grande – Soledade já se acha completamente asfaltada, preparando, assim, a Paraíba, nessa programação infra-estrutural, para início de uma arrancada desenvolvimentista. É uma das mais importantes rodovias do nordeste brasileiro, nela correndo riquezas do sertão para os parques industriais nascentes. Outrora, caracterizada por um trafegar intenso de carros-de-boi, boiadas inteiras por dispersão de currais, cavalos “do ano” em perfis de requinte, a exibirem cabrestos, lombilhos, caronas, sobrecilhos ou boçais.

<sup>36</sup> Entrevista concedida à autora por Juarez Filgueiras de Góis, casado, professor, 60 anos, no dia 07 de julho de 2008.

<sup>37</sup> FILHO, Inocêncio Nóbrega. *Malhada das Areias Brancas*. Fortaleza: Escola Tipográfica São Francisco, 1974, p. 61.



A Rede Ferroviária também foi recebida com empolgação pela população. Sua construção foi iniciada na década de 1920, mas concluída apenas na década de 1950, na qual tendo sido registrado o Dr. Trajano Nóbrega, figura vista como ilustre na cidade, como primeiro passageiro a embarcar e a ir a Campina Grande. A *foto 3* nos mostra o primeiro trem que passava pela cidade de Soledade:



**Foto 3: Inauguração da rede ferroviária no ano de 1958.**

Foi também importante a vinda da energia de Paulo Afonso; antes dessa chegada, havia toques de retirada para os moradores, uma vez que toda a cidade ficava às escuras. Os entrevistados enfatizam sempre as mudanças que ocorreram, apontado pontos positivos e negativos presentes na época e nos dias atuais:

As coisas “era difícil”, hoje as pessoas têm bolsa escola, ajuda, tudo isso é mais fácil; pra Campina tem carro, naquela época não existia comércio, só a mercearia de Gouveia, o mercado só veio abrir as portas de 70 pra cá, antes era só de 8 em 8 dias, hoje temos várias fábricas lá em cima, a Pegnor, Soleminas “né”; temos um comércio que dá uma renda [...]. a dificuldade era essa, também não existia aposentadoria, então tudo era difícil (Sr. Manoel Ruzio<sup>38</sup>).

Os entrevistados, portanto, vivenciaram este momento, o que contribuiu para a realização da escrita de suas memórias, as quais se fazem aqui presentes, inclusive

---

<sup>38</sup> Entrevista concedida à autora por Manoel Caetano de Souto (Ruzio), viúvo, funcionário público aposentado, 78 anos, no dia 08 de julho de 2008.

como suporte para futuros trabalhos acadêmicos e/ou pesquisas acerca de cidades interioranas, como Soledade.

Dessa forma, o contexto histórico se faz importante para a realização de tal trabalho, visto que elucida as mudanças que ocorreram nas épocas de 1950 e 60 na cidade de Soledade, como a chegada do trem, o asfaltamento e outros acontecimentos que são expostos no decorrer do texto, elucidando os costumes ainda eram tradicionais. No entanto, esse “progresso” ocorreu na comparação destas décadas com as atuais.

No entanto, e no que diz respeito à modernização vigente e recente, Soledade ainda “fica a desejar”, devido ao atraso nos âmbitos sociais, uma vez que se trata de uma cidade de difícil acesso a modos de vivência urbana importantes, como nas esferas educacionais, ou seja, a população ainda vive nos “atrasos” concernentes às dificuldades de acesso que enfrenta, como educação, tecnologias e outros bens materiais simbólicos.

Assim, partindo agora do espaço estrutural, iremos analisar a “função” da mulher e sua relação com os aspectos familiares e sociais que permearam a cidade de Soledade entre as décadas de 1950 e 60.

## *Capítulo II*

### *Sonhos, Perspectivas e Dificuldades das Mulheres dos Anos 1950 e 60 em Soledade*

Visando salientar a importância da mulher e sua permanência na memória do povo, este capítulo tem o intuito de buscar reconstruir e analisar alguns costumes, valores e práticas de uma determinada cidade, numa determinada época no referente ao feminino e seus encontros com a sociedade. Nele e assim, será denotada, especificamente, a figura feminina, a partir de seus sonhos, suas perspectivas e dificuldades em Soledade, especificamente entre as décadas de 1950 e 60.

#### *Da infância à adolescência: a educação para ser boa dona de casa*

A história do Brasil se refere à mulher que emerge em sua decantada submissão, sobretudo ela mesma e seus filhos. A autoridade e a severidade do esposo-pai imprimem a tônica das relações familiares, já que muitas mulheres devotaram-se aos cuidados da casa. Salva a exceção de algumas mulheres que procuraram alargar seus horizontes e melhorar a sua condição, enquanto mulher e participante da vida doméstica e social, o quadro se estratificou com a mulher de caráter *passivo*, representado por aquelas que se contentavam com a parte “fácil e frágil” que lhe era reservada, os cuidados do lar.

O começo dessa prática de submissão se inicia com a infância, na qual as imagens que eram atribuídas às meninas eram vividas no exaltar de sua característica como dona de casa e mãe. Os meios de comunicação, por exemplo, colocavam a “diferença dos papéis”, usando formas simples e atraentes de passar essas imagens, como nos mostra esse trecho usado pela autora Bassanezi<sup>39</sup>, retirado de um jornal da época, acerca de brinquedos diferenciados para meninas e meninos:

---

<sup>39</sup> BASSANEZI, Carla. “Mulheres dos Anos Dourados”. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 609.

[...] há brinquedos básicos que falam o idioma da humanidade inteira, e para estes não há possibilidade de passar da moda nem de época [...] uma menina é uma pequena mãe, e uma boneca sempre terá guarida em seus braços [...] um menino estará sempre por aquilo que reclamam sua destreza desportiva [...] Uma pessoa que vai fazer um presente de um brinquedo [para uma criança] deve procurar o simples, o que responda ao natural instinto da criança [...].

A menina era vista como uma futura dona de casa, crescia para “cuidar da casa, do marido e dos filhos”. Mesmo as entrevistadas têm, inclusive, a figura masculina como mais arraigada à memória, em detrimento da representação dessa função da mulher. Em suas falas, percebe-se essa presença com mais ênfase. A dona de casa Lindalva<sup>40</sup> nos diz: “Eu me casei em 54, tive uma infância só trabalhando, meu pai era uma pessoa muito boa. Mas todo mundo ‘tiam’ que trabalhar na roça, até quando fiquei moça era só pra trabalhar também, as diversões quase não ‘tiam’”.

Em nenhum momento essa entrevistada relata a passagem de alguma outra mulher que não seja ela mesma. Com outra entrevistada temos a mesma observação, quando relata momentos de sua infância:

[...] a gente brincava, tinha direito de sair, de brincar de roda, de “cademia”, de que mais juntava grupo de amigos, eu tinha mais ou menos assim; um padre que ia muito na minha casa, na minha casa tinha assim, aquela cadeira de palha, ele pegava, botava as cadeiras de palha “tudim” em cima assim, e ia brincar de roda [...] (Socorro Gouveia<sup>41</sup>).

Mesmo não sendo pai, o padre era uma figura que podia substituí-lo em sua ausência, visto que era uma autoridade eclesiástica. Um importante ponto para ser observado entre as falas supracitadas das duas entrevistadas é a vivência, no nível social, à qual ambas pertenciam. Enquanto a primeira tem sua infância na zona rural, com pouca diversão, trabalhando para ajudar o pai, a segunda cita brincadeiras e momentos de diversões, incluindo entre eles, a presença de amigos. No entanto, mesmo levando em consideração este contraste na realidade das duas entrevistadas, concernentes à suas infâncias nas décadas de 1950 e 60 em Soledade, elas viam a forte presença do homem.

<sup>40</sup> Entrevista concedida à autora por Lindalva dos Santos, casada, dona de casa, 73 anos, no dia 04 de julho de 2008.

<sup>41</sup> Entrevista concedida à autora por Maria do Socorro Gouveia, casada, dona de casa, 72 anos, no dia 16 de julho de 2008.

Essa valorização da imagem masculina presente na infância das mulheres fazia parte da educação que estas recebiam, sendo, desde os primeiros anos de vida, ensinadas a obedecer sem perguntar, questionar ou se queixar. É como se fosse um “instinto natural”, ao qual seria inerente a todas, e elas deveriam gostar do “papel” que lhe cabia na sociedade ou em casa e “agradecerem” por tal fortuna.

O relacionamento com o pai é, de início, um objeto de “adestramento” para tratamento de qualquer homem, seja esse seu irmão, um amigo, um namoro e, especialmente, um marido. Tal característica se refere ao século XX, mas com resquícios do final do século XIX. Uma das entrevistadas da cidade de Soledade lembra bem esse aspecto de privilégio e respeito que era concedido aos pais, inclusive nos mínimos atos: “[...] e soube respeitar pai e mãe. Se papai pedisse um copo d’água e a gente fosse “tumar” primeiro do que trazer o dele, era parada; nós não ia pra peia<sup>42</sup> não, papai era difícil dá na gente,mas a peia de língua era guerra, de reclamar” (Maria José<sup>43</sup>). Ou seja, a figura masculina era vista como central e, portanto, figura de muito respeito.

A passagem da infância para a mocidade não diferem em muito para a mulher nesse contexto. Ela continua “submissa” ao pai – ou aos irmãos –, mesmo entrando de relance para limitado convívio social. Por se tratar de uma cidade pequena e ainda arraigada a valores tidos como tradicionais, as festas que aconteciam em Soledade nas décadas de 1950 e 60 eram muito valorizadas, estando presente entre as lembranças das entrevistadas. Essas mulheres pareciam dar muita importância a acontecimentos que a tirassem do âmbito restrito do lar, como nos relata Maria do Carmo<sup>44</sup>:

[...] as músicas, valia a pena você ouvir, bolero, valsa... Na época, São João, quadrilhas, quadrilhas lindas, sempre terminava ao redor das fogueiras. Valia a pena você ir a uma festa de final de ano. O baile de dia de ano era um baile de verdadeiro desfile de moda. E então logo depois, dia de Reis, havia o baile da coroação da Rainha [...].

Na diversão as mulheres encontravam as mesmas *dificuldades* do modelo familiar, uma vez que viviam sob a égide do bom comportamento, e um pequeno desvio poderia colocar sua reputação em dúvida, assim como também a reputação do pai. A

<sup>42</sup> Palavra usada no popular para surra, espancamento, violência “permitida”.

<sup>43</sup> Entrevista concedida à autora por Maria José Gouveia da Costa, viúva, aposentada, 82 anos, no dia 04 de julho de 2008.

<sup>44</sup> Entrevista concedida à autora por Maria do Carmo Gouveia, professora aposentada e comerciante, 70 anos, no dia 04 de julho de 2008.

mulher ou arriscava um futuro solitário, visto que nenhum rapaz gostaria de ter seu nome manchado, ou se mantinha “pura” para garantir sua vida “honrosa”. O cuidado acerca da honra da mulher era de grande importância, uma vez que havia uma classificação entre “moça de família” e “moça leviana”. Esse cuidado partia desde o comportamento dentro de casa, com o respeito aos pais, até o comportamento fora de casa, visando um bom casamento; conforme Bassanezi<sup>45</sup>,

*As moças de família eram as que se portavam corretamente, de modo a não ficarem mal faladas. Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas com os rapazes. [...] Vistas por vezes como ingênuas ou perigosamente inconseqüentes e deslumbradas, era grande o medo de que as mocinhas se desviassem do bom caminho, a educação moral e a vigilância sobre elas se faziam necessárias.*

Percebemos, portanto, que, acerca da diversão supracitada, os problemas eram vivenciados tanto entre as moças que participavam das festas tradicionais, como as que eram “mais presas” ao espaço do lar:

*Tinha festa, mas papai não deixava não, tinha festa em Zé Vicente, no São João; a gente era vizinho e amigo. Zé Vicente já sabia como ele era, todo dia era um convite [...] alguma vez ia, agora quando a gente chegava lá, ele não empatava a gente dançar não. Nós “dançava”, eu mandava o pé na lama, tirava o atraso, tirava dos outros dias (Maria José<sup>46</sup>).*

Nessa fala, percebemos a importância que as moças davam aos momentos de diversão que lhes eram concedidos, aproveitando ao máximo a concordância do pai, quando havia. Sua finalidade era a diversão atrelada à presença masculina. Corroborando esse aspecto da importância em dança e em festas tradicionais, temos a fala de uma entrevistada que fazia parte da elite local e que, apesar das adversidades morais, lembra com saudosismo a época, comparando-a com os dias atuais:

*[...] os pais acompanhavam todos os seus filhos nas festas [...] todos brincando com muito respeito, tinha festa espaçosa, mas era festa com orquestra. Era socialmente, os homens uniformizados, não tinha essa bebedeira que tem hoje. Era na base de 8 horas até de manhã. A bebida não rolava, não rolava droga, havia muita confraternização [...]. Tenho pena*

<sup>45</sup> BASSANEZI, Carla. “Mulheres dos Anos Dourados”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 610.

<sup>46</sup> Entrevista concedida à autora por Maria José Gouveia da Costa, viúva, aposentada, 86 anos, no dia 04 de julho de 2008.

desses jovens de hoje que não sabem aproveitar a vida [...] (Maria do Carmo<sup>47</sup>).

Destarte, percebe-se a presença dos cuidados dos mais velhos para com os jovens daquele período, demonstrando que ainda havia, naquele tempo, um maior controle patriarcal sobre os filhos.

O namoro das moças em Soledade não era diferente das moças do resto do país, seguindo assim um objetivo comum, que era o casamento, uma vez que elas sabiam (ou pelo menos eram educadas para tal fim, independente da sua vontade) que seu destino era casar e dar contas dos afazeres domésticos. Mas o namoro era marcado por normas que ambos deviam respeitar. Cada um sabia seu lugar na hora da conquista – isso se tratando das “moças de família”. As respostas das entrevistadas sobre o namoro procuram expressar isso como, por exemplo, a de Maria do Carmo<sup>48</sup>:

O namoro naquele tempo era muito sério. O namoro naquele tempo minha filha, ninguém ficava só na sala não com o namorado, ficava sempre um vigia de lado, ninguém podia dar um cheiro se fosse dançar. Começava de flerte, começava assim olhando, olhava, aí depois começava se aproximar, aí mandava recadinho [...] e dessa conversa surgia o namoro [...], daí já surgia uma coisa mais séria, já ia se aproximando mais da família [...].

Dessa forma, enfatiza-se a presença de alguém sempre aos cuidados do casal, assim como também das ações que podiam comprometer a moça; o flerte, por exemplo, era aceito, em detrimento de gestos que aproximassem os corpos, como o “cheiro”. A distância, como se percebe, era sempre vivida pelos “amantes”, os recados escritos ou falados eram usados, uma vez que não havia a oportunidade de estar a sós com o pretendente. Tal característica concernente ao namoro parece comum nas cidades pequenas entre as décadas de 1950 e 60, o que é corroborado por Sampaio, quando fala do namoro na cidade de Cabaceiras entre os anos de 1930 e 40. Mesmo em se tratando de décadas anteriores às nossas estudadas, não difere muito do que queremos demonstrar, apenas justificando o controle das ações corpóreas no namoro. Sampaio<sup>49</sup> ainda fala do “namoro passageiro”, sobre o qual “nestas relações amorosas, o olhar correspondido é entendido como namoro. Neste sentido, a concepção de relação

<sup>47</sup> Entrevista concedida à autora por Maria do Carmo Gouveia, professora aposentada e comerciante, 70 anos, no dia 04 de julho de 2008.

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> SAMPAIO, Paula Faustino. “Já sei namorar: Memórias dos namoros em Cabaceiras - PB entre os anos de 1930 e 1940”. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de (org.). *Textos Didáticos* – Ano 1, vol. 1, nº. 1 – Campina Grande: EDUEFCG, 2006 – v – (Série História), p. 101.

amorosa amplia-se [...] na troca de olhares já estava se namorando, reforçando a imagem de recato entre homens e mulheres nos anos 30 e 40”.

Assim, e em boa parte das vezes, as moças não tinham as preferências, no âmbito da escolha dos pretendentes, em sintonia com as preferências dos pais. Enquanto elas se encantavam com cartas e galanteios generosos, atraindo-se assim por rapazes que falassem ou dançassem bem, os pais se preocupavam com seus futuros e com seu nome na sociedade, ou seja, preferiam homens “trabalhadores e honestos”, independente de seus “dons” em conquistar uma mulher. E havia todo um conjunto de elementos que funcionavam como meios de persuasão, como revistas, jornais e inclusive, a sociedade. Bassanezi<sup>50</sup> elucida esse aspecto dos limites do relacionamento com ênfase dada ao amor, porém um amor correspondente a ambos interessados, pais e filhos:

*Assim como tornou-se comum se dizer que o casamento só deve ocorrer quando houver amor, também era tido certo que o amor verdadeiro e digno é aquele feito de juízo e razão. [...] Deste modo, nutrir afetos por aventureiros de má reputação, pessoas irresponsáveis, comprometidas ou desquitadas não era nem digno de pena, só despertava censura, especialmente em relação às mulheres, pois os homens tinham mais facilidade de cultivar seus amores clandestinos sem desestabilizar a ordem social. Mil histórias tristes, das revistas, dos filmes, da “vida real”, serviam de exemplo aos que pensavam em contrariar estas normas.*

Os pais estavam quase sempre de olho nos rapazes que não queriam compromissos e iludiam as moças com falsas promessas. Assim como também não era bem visto o rapaz que já tivesse tido um relacionamento sério, como um noivado, ou mesmo já tivesse sido casado. Os rapazes que não gostavam de trabalhar e aqueles que não davam valor ao dinheiro que ganhavam, também não eram bem vistos pela sociedade, tampouco pelos pais das moças. No entanto, as moças, assim como os rapazes, não deixavam de firmar compromissos sem o consentimento dos que por elas tinham responsabilidades e havia, portanto, a presença forte dos namoricos escondidos e de fugas das mulheres para encontros que não fossem do acordo de sua família, especialmente do pai, figura principal nas escolhas e nas punições; a professora

---

<sup>50</sup> BASSANEZI, Carla. “Mulheres dos Anos Dourados”. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 618.



entrevistada Salete de Oliveira<sup>51</sup> nos relata com experiência própria um dos casos de fuga na época:

Antigamente os jovens fugiam, porque o namoro não era aceito pelos pais, porque tinha ali, um namoro, os pais começavam a sondar o rapaz e via ali, pontos negativos, não agradava e aconselhava a filha. Mas, quando não aceitava, acontecia a fuga, foi o meu caso, casei fugida, hoje já vai fazer 49 anos de casada, graças a Deus, sou muito feliz, tive doze filhos, foram pra mim um tesouro e saí de casa porque minha mãe era responsável pelos filhos, não aceitava meu namoro, nem podia arcar com as despesas, eu saí pra casa da mãe dele, com dois dias minha mãe foi buscar e fez o casamento.

A partir dessa análise acerca de sua mocidade, percebe-se que a mulher foi preparada, da infância à adolescência, para ser boa esposa, boa dona de casa e boa mãe e seu trabalho pouco importava para a sociedade. Tais pontos serão abordados no tópico seguinte, o qual retrata a mulher casada nas décadas de 1950 e 60 na cidade de Soledade.

### ***O valor atribuído à mulher/esposa/mãe e sua relação com o trabalho***

Este tópico tem o intuito de explicitar a “função” da mulher, sendo este diretamente associado aos “cuidados da casa”, uma vez que os homens analisavam o comportamento das moças visando uma “boa esposa”. As atribuições domésticas propriamente ditas, as funções derivadas do lar, mantinham a mulher indefinidamente “no mesmo lugar”. Neste caso, concebidos como tipicamente femininos, os “cuidados da casa” tendem a ser tratados como de desempenho “mais simples”, envolvendo, portanto, menor grau de complexidade, atrelados ao sentimento de inferioridade já salientado.

No âmbito desse pensamento, as causas públicas não eram ou não deveriam ser da competência da “rainha do lar”, considerando os atributos femininos como incompatíveis com a participação na vida pública. Nesse sentido, pode-se perceber esse “papel” no relato feito por uma das entrevistadas: “tadinha, trabalhar num é, na cozinha só se ocupava em trabalhar, não tinha o direito de se aposentar, de ser superior a

---

<sup>51</sup> Entrevista concedida por Maria Salete de Oliveira, casada, professora aposentada, 67 anos, no dia 02 de julho de 2008.

ninguém, vivia em casa direto, viu? Não sei como era aquilo não, tinha que sofrer”. (Maria Lucena<sup>52</sup>).

Nesse trecho, a própria mulher retrata o trabalho doméstico como sofrimento, visto que ele coloca a mulher como submissa, inclusive, no âmbito econômico. Não sendo reconhecido como “trabalho” pelo INSS (Instituto Nacional de Seguro Social), a mulher dona de casa tinha como destino esperar o sustento do marido. Dessa forma, o trabalho doméstico não era valorizado como um trabalho, porque ele era tido “próprio” da mulher. A fala supracitada relaciona-se às palavras de Bassanezi<sup>53</sup> ao salientar esse papel vivenciado pela mulher:

[...] as mulheres ainda eram vistas prioritariamente como donas de casa e mães, a idéia de incompatibilidade entre casamento e vida profissional tinha grande força no imaginário social. Uns dos principais argumentos dos que viam com ressalvas o trabalho feminino era o de que trabalhando a mulher deixaria de lado seus afazeres domésticos e suas atenções e cuidados para com o marido: ameaças não só a organização doméstica, como também a estabilidade do matrimônio.

Nesse direcionamento, a família era organizada pelo casamento, caracterizada pela legitimidade da prole, com a mulher/esposa/mãe/dona-de-casa, dedicando-se majoritariamente às funções derivadas do lar, imprimindo ao trabalho feminino que podia ser considerado hoje como um trabalho de caráter secundário, transitório, permeado por uma dada repulsa advinda da vontade da mulher em ser independente; o que não se verifica na realidade analisada, na qual os valores eram outros, a mulher ultrapassa os limites do gênero considerado frágil e vê naquelas obrigações cotidianas uma forma de ajudar o companheiro, e há nessa visão um misto de positividade atrelada às barreiras impostas pelas condições. Verificamos esse paralelo na fala da entrevistada Lindalva<sup>54</sup>:

Meu tempo todo era só cuidar da casa, lavar, passar roupa, limpar e lavar para ajudar o marido; as coisas eram muito “difícil” e a mulher tinha obrigação de ajudar o marido. Olhe, eu mesmo, sofri muito, mas era assim, o povo naquele tempo, os pais “tinha” aquela autoridade que todo mundo obedecia, era bom, meus filhos nunca deram trabalho.

<sup>52</sup> Entrevista concedida por Maria Lucena Sales, viúva, aposentada, 74 anos, no dia 04 de julho de 2008.

<sup>53</sup> BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos Anos Dourados*. In: *História das Mulheres no Brasil*. Org. Mary Del Priore. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>54</sup> Entrevista concedida à autora por Lindalva dos Santos, casada, dona de casa, 73 anos, no dia 04 de julho de 2008.

A partir daí verificamos que a autora Bassanezi faz uso de revistas femininas da época como fontes para corroborar essa “função” da mulher no interior da casa, citando, inclusive normas que a mulher devia seguir para que seu espaço – a casa – estivesse pleno de felicidade, como por exemplo, deixar a casa sempre limpa e organizada, cozinhar bem e na hora certa, cuidar dos filhos, assim como também, preservarem uma boa reputação. Portanto, a vivência descrita por essa historiadora acerca dessa “função” das mulheres num âmbito maior não difere da realidade na cidade analisada, na qual as informações chegavam bem mais tarde. As mulheres tinham acesso, por exemplo, a revistas femininas, mas estas eram tendenciosas e mostravam a mulher com um mecanismo para manter a sociedade num padrão estabelecido pela imagem masculina. As revistas colocavam a diferença dos papéis, usando formas simples e atraentes de passar a comunicação. Segundo Bassanezi<sup>55</sup> “para as revistas da época, as mulheres não têm o direito de questionar a divisão tradicional de papéis e exigir a participação do marido nos serviços do lar [...]”.

Percebemos, na fala de um dos entrevistados, um discurso significativo que trata da passividade feminina, a qual a mulher era sujeitada. Mesmo sendo uma visão masculina, verificamos que relata a mulher com vontades próprias, e que era passiva no sentido de atender aos pais, assim como também percebemos a presença de uma das profissões aceita socialmente para o gênero feminino. O magistério, que se restringia a educar crianças, ou seja, função que representava o que ela já fazia em casa:

“A mulher era doméstica, a mulher só tinha direito da sala do meio pra trás, quem mandava na casa era o homem e a profissão da mulher era doméstica. Eu me lembro até que minha mãe gostava muito de estudar [...], meu avô não era muito de botar na escola, até porque tinha um ditado que dizia assim: mulher não presta pra aprender não porque só vai fazer bilhete pra namorar [...]. A profissão da mulher era doméstica, era lavar os pratos, lavar a roupa, arrumar a casa num tinha esse negócio não e professora ainda podia ser, aí começou a se emancipar, mas quando não existia esse campo a profissão da mulher era doméstica mesmo”. (Juarez<sup>56</sup>, Professor).

Nesse período, portanto, se existe um momento no qual é conferida à mulher uma dada competência, esse momento é justamente aquele no qual ela é vista em seus “papéis” de esposa e de mãe de família. Assim, a natureza da função feminina, nesse

---

<sup>55</sup> BASSANEZI, Carla. “Mulheres dos Anos Dourados”. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 626.

<sup>56</sup> Entrevista concedida à autora por Juarez Filgueiras de Góis, casado, professor, 60 anos, no dia 07 de julho de 2008.

período, demonstra o “ser natural” da mulher elaborado enquanto critério que restringe seu espaço de competência à esfera doméstica da vida social.

Uma leitura subjacente que se pode fazer revelar que uma imagem de mulher que se tornou hegemônica e que, enquanto representação construída socialmente, acabou por sedimentar-se no interior da própria família. Imagem que se constituiu a partir de atributos tidos como inerentes à personalidade feminina – fragilidade, fraqueza, adequação e carinho no ato de cuidar das crianças e do próprio lar – imagem e atributos que insidiosamente se incorporaram ao ser mulher – constitutivos do seu viver – e que, no caso do trabalho feminino, sobre ele, fizeram incidir olhares preocupados, incomodados, desrespeitosos, irônicos, profundamente críticos.

Arelados a esses esclarecimentos percebe-se que as “funções” sociais da mulher definem-se, também, através de uma dada ascendência sobre a prole, “vigilante do lar”. A imagem conveniente de mulher é, assim, a de reprodutora/mãe, alimentando, com a vida gerada em seu interior, as “forças produtivas da nação” e exercendo sobre a prole o devido controle social. Essa prática de responsabilização pela educação dos filhos é percebido nessa fala da entrevistada Lindalva<sup>57</sup>:

As mulheres tinham muitos filhos por que era assim, as pessoas casava pra ter menino, eu mesmo todo ano era um, vivia só pra cuidar de menino e do marido. Mas eles obedeciam, não dava trabalho como os de hoje não, eles nem apanhavam, mas obedeciam aos pais [...] eles também faziam tudo que se mandasse.

Nas décadas de 1950 e 60, a maioria das mulheres que aceitavam o papel que lhe era conferido pela sociedade – ser mãe, esposa e dona de casa – não viam nesse ato um total ponto negativo, uma vez que como vemos no discurso construído pela entrevistada, os filhos eram mais obedientes e eram crianças criadas dentro do lar, respeitando a mãe e principalmente a figura paterna. Dessa forma, não davam o trabalho que as entrevistadas percebem nos dias atuais.

Na função de “Rainha”, cujo poder ao mesmo tempo em que é interdito no mundo público e exaltado nas estritas instâncias do lar, aparece nas entrelinhas dos discursos como importante fator de manutenção da ordem social. A mulher “ideal” seria, então, aquela que permanecesse dentro de casa, procriadora e mãe dentro do

---

<sup>57</sup> Entrevista concedida à autora por Lindalva dos Santos, casada, dona de casa, 73 anos, no dia 04 de julho de 2008.

casamento, voltada para o desempenho das funções domésticas, para a maternidade, razão, enfim, de sua existência.

Explicitados os relatos acima, entende-se que a ênfase dada à figura da mulher está nos conteúdos especificamente biológicos – reprodução, amamentação – bem como, nos papéis cujo conteúdo social é visto como inerente ao sexo feminino – cuidado com os filhos, sua educação, administração do lar – e o papel de produtora, exercido pela mulher na esfera pública da vida social é concebido como estruturador da família.

Outro fator importante, a *fidelidade*, faz parte também desse quadro de submissão em que a mulher se encontrava, sendo atribuída a ela direitos e deveres conjugais diferenciados do companheiro. Ela, sendo responsável pela honradez e bom desenvolvimento dos filhos, tinha que dar a estes bons exemplos, agindo de forma que seu comportamento pudesse ser copiado pelas filhas moças, assim como preocupar-se com a imagem do marido frente à sociedade. Conforme Bassanezi<sup>58</sup>:

A *afinidade sexual* parece ter sido um fator menos importante no ideal de felicidade conjugal. A esposa ideal era antes de tudo o complemento do marido no cotidiano doméstico, o bom desempenho erótico da mulher casada não fazia parte das expectativas sociais.

Esse fato se dava porque, na esfera da sexualidade, as mulheres eram tidas como “diferentes” dos homens desde a mocidade ao casamento. Neste, só a vontade do sexo masculino importava, gerando daí uma *normalidade* para a infidelidade masculina e *obrigatoriedade* para a fidelidade feminina, incluindo mesmo leis da constituição que puniam tal ato por parte das mulheres e ignoravam a traição do homem. Sobre este assunto afirma ainda Bassanezi<sup>59</sup>:

Ao contrário dos maridos, as adúlteras eram fortemente criticadas e podiam ser severamente punidas. Como a honra de um marido dependia em grande parte do comportamento de sua esposa, o castigo violento ou até mesmo o chamado crime passionnal contra a mulher, real ou supostamente, infiel eram comumente perdoados pelas autoridades da lei. [...] A separação, no caso de descoberta a infidelidade da esposa, era praticamente inevitável.

A análise acerca do papel da mulher neste capítulo retrata a parcela da mesma na contribuição da formação da família na cidade de Soledade entre as décadas de 1950

<sup>58</sup> BASSANEZI, Carla. “Mulheres dos Anos Dourados”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 632.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 634.

e 60. Além desse esboço, esse capítulo discorreu acerca do cenário social presente na época supracitada, o que facilita a compreensão dos comportamentos femininos e sua relação com a figura masculina. Esta será retratada no segundo capítulo, o qual terá como fundamento tanto os relatos históricos escritos, como trechos das entrevistas de alguns moradores.

### ***Capítulo III***

#### ***Homens no Âmbito Familiar e Social em Soledade nas Décadas de 1950 e 60***

A família, sendo uma instituição importante da sociedade, tem uma função relevante na estrutura da mesma. O modelo, conforme Corrêa<sup>60</sup>, é o patriarcal, sobre o qual a autora discorre desde o período colonial até sua decadência na urbanização, chegando a um relacionamento moderno:

A história das formas de organização familiar no Brasil tem-se contentado em ser a história de um determinado tipo de organização familiar e doméstica – a “família patriarcal” –, um tipo fixo onde os personagens, uma vez definidos, apenas se substituem no decorrer das gerações, nada ameaçando sua hegemonia, e um tronco de onde brotam todas as outras relações sociais.

Neste capítulo, serão relatados tanto a permanência desse modelo familiar, como também o homem das décadas de 1950 e 60 na cidade de Soledade, isto levando em consideração a ótica do mesmo.

#### ***Relação dos homens com a infância e o namoro***

Os homens, no âmbito familiar, têm sua influência na sociedade, decorrendo daí a importância que se dá a formação da família desde a escolha dos membros até a educação dos descendentes. Esta fica a critério da mulher, uma vez que sua função é na esfera central do lar. Quanto à escolha do novo membro, ou seja, daquele ou daquela que irá fazer parte da família, caberia ao chefe da casa. Sendo, dessa forma, a visão do homem que prevalece acerca dos ditames estruturais familiares. Esta característica concerne à formação da família nos moldes dos anos 1950 e 60 no Brasil, no qual a função masculina ficava a de manter o bem-estar da família, ou seja, as condições financeiras ficavam sob sua responsabilidade. Para entendermos um pouco acerca dessa

---

<sup>60</sup> CORRÊA, Mariza. “Repensando a Família Patriarcal Brasileira”. In: ARANTES, Antônio Augusto *et al.* *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 3ªed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1994, p. 15.

realidade, iremos discorrer acerca das entrevistas dadas por alguns homens da cidade de Soledade, na qual a vivência e as práticas eram similares, ou seja, a família obedecia ao modelo patriarcal, e a mulher tinha, como visto no capítulo anterior, seu lugar definido pelo sistema.

O primeiro ponto a ser abordado na fala de um dos entrevistados foi acerca de sua infância, sendo esta o começo de sua vida, não apenas como ser existente no mundo, mas como ser que começa a perceber o mundo está a moldar seu destino, partindo dessa fase, suas escolhas, assim como os exemplos aos quais deve seguir ou repudiar. Sobre essa fase, Bosi<sup>61</sup> afirma: “a infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam. Difícil transpor a infância e chegar à juventude. Aquela riquíssima gama de nuances afetivas de pessoas, de vozes, de lugares... [...]”.

Essa realidade descrita pela historiadora foi verificada na fala do professor entrevistado, o qual tem a infância como uma fase decisiva para uma boa parte das escolhas que ele fez na vida:

Eu gostaria em primeiro lugar dizer que falar da minha infância é falar da minha existência. Porque toda minha infância foi um sonho do futuro, e na verdade boa parte deste sonho vem se concretizando porque a criança constrói seus castelos numa linguagem figurada e esses castelos lentamente foram se edificando perante a juventude (Juarez<sup>62</sup>).

Dessa forma, o começo da vida é de “suma importância” para aqueles que vêm seus sonhos serem realizados a cada dia, principalmente tratando-se de pessoas que viveram momentos difíceis referentes à vida numa cidade pequena. O saudosismo, nessa citação do entrevistado, tem o poder de trazer ao ouvinte também as lembranças de sua própria infância, como se quisesse descobrir em um “elo” perdido o causador de suas escolhas atuais.

As escolhas também concernem a outra fase importante relatada pelos entrevistados, a saber, o *namoro na adolescência*. Eles deixaram bem claro a importância de se levar a sério o namoro, também o respeito que deviam ter para com a futura esposa. Isto porque era desse compromisso que ele poderia tomar uma decisão,

<sup>61</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 415.

<sup>62</sup> Entrevista concedida à autora por Juarez Filgueiras de Góis, casado, professor, 60 anos, no dia 07 de julho de 2008.



que, na época, seria “para sempre”. Sobre a importância desse compromisso, Bassanezi<sup>63</sup> afirma:

O namoro era considerado uma etapa preparatória para o noivado e o casamento. Sendo assim, as moças não deveriam *perder tempo* ou *arriscar-se* com namoros que não tivessem chance de conduzi-las ao matrimônio [...]. Com tal importância social, o namoro adquiria características de uma fase de estudos mútuos daqueles que poderiam ser os futuros cônjuges e suas famílias, servia como um tempo de adaptação do casal.

Entre os entrevistados de Soledade, percebe-se essa ênfase dada ao respeito, não só com a pretendente, mas também com os parentes dessa, como nos diz o Sr. Manoel Caetano<sup>64</sup>, 63 anos:

Os namoros daquele tempo as pessoas tinham mais respeito que os de hoje, olhe, porque a pessoa [...] respeitava o pai da noiva, da namorada, respeitava a mãe da namorada e os cunhados, quer dizer, você chegava na casa de sua namorada e nem senta junto dela, não tinha direito de pegar na mão da namorada, ficava se amando de longe.

Dessa forma, o primeiro passo estava dado e a “entrada do homem” no âmbito social era de suma importância. Não só a mulher tinha que exercer o papel perfeito dentro do matrimônio; o homem, apesar de algumas diferenças frente aquela teria que ser o suporte da estrutura econômica e social da família. Via-se sob sua responsabilidade o bem estar da família, sem depender, para isso, dos próprios pais ou dos pais das noivas. Para tanto, os pais, diferente das moças, queriam que suas filhas se casassem com um rapaz honesto e trabalhador. O sentimento era importante, mas este devia ser regado com doses de “bom senso”. Bassanezi<sup>65</sup> lembra que havia impasses para a união fora dos moldes: “dificuldades financeiras, diferenças de classes, problemas familiares, preconceitos sociais eram algumas das barreiras reconhecidas e reforçadas contras as uniões fora dos padrões”.

Levando-se em consideração o contexto analisado, a saber, cidade interiorana, as situações se modificavam devido os aspectos encontrados. Havia dificuldades concernentes à situação financeira, assim como questões políticas que envolviam famílias, visto que, nesta época, em cidades desse porte, havia a forte presença do

<sup>63</sup> BASSANEZI, Carla. “Mulheres dos Anos Dourados”. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 616.

<sup>64</sup> Entrevista concedida à autora por Manoel Caetano Souto, casado, comerciante, 63 anos, no dia 10 de julho de 2008.

<sup>65</sup> BASSANEZI, Carla. “Mulheres dos Anos Dourados”. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 618.

“coronelismo”, como afirma o entrevistado Juarez<sup>66</sup>: “nós viemos de uma civilização do coronelismo, então quanto mais filho, mais mão-de-obra pra trabalhar com a família nas grandes famílias [...] e os filhos nobres, um era padre, advogado [...]”, ou seja, tinham visões diferentes acerca do objetivo de vida. Enquanto uns nasciam para procriar e trabalhar para os que tinham posse, outros nasciam para trabalhar e subir economicamente na vida.

Uma das diferenças entre a época analisada e a atual está na forma de encarar esse compromisso – o namoro. Segundo esses homens que viveram sua juventude nas décadas de 50 e 60 em Soledade, o namoro era considerado um passo importante para toda a vida. Dessa forma, eles tinham também que “valorizar” as moças que seriam as futuras donas de suas casas, as futuras responsáveis pela educação de seus filhos e das demais “funções que cabiam à mulher”. O entrevistado Auri<sup>67</sup>, 76 anos, relata bem essa diferença quanto a sua época e a atual, falando acerca do tratamento dado às mulheres por parte dos homens:

O respeito era grande, o que há agora havia naquela época, mas com sigilo, que as pessoas, as mulheres tinham mais vergonha, os homens também se comportavam, sabia camuflar. Mas hoje não, hoje é tudo a vontade e quando o homem não avança, é a mulher e convidativa é bem melhor. [...] as “mulher” livre naquele tempo tinha mais respeito que as moças de hoje [...].

Dessa forma, percebe-se a importância que os rapazes davam à imagem feminina, uma vez que, para viver ao seu lado, tinha que se fazerem apresentáveis à sociedade, aos amigos e aos parentes.

No entanto, havia também os namoros que não eram aceitos pelos pais dos jovens, o que tinha como consequência o *rapto*; enquanto a mulher era “a fugida”, o homem era aquele que raptava/furtava, e tinha, portanto, a partir daí, a obrigação de casar e dar seu nome à sua mulher. O relato de um dos entrevistados salienta bem essas expressões atribuídas aos homens:

[...] fiquei assim tão desorientado que “num” tinha mais jeito “né”, e passei mais ou menos uns três anos namorando escondido, ela foi morar em Campina Grande e lá em Campina eu furtei minha esposa Maria do Carmo Araújo, já tinha agendado pra casar em Queimadas, tinha um tio meu lá, “casamo” lá; ainda vieram uns irmãos dela atrás, mas não tinha mais jeito, e

<sup>66</sup> Entrevista concedida à autora por Juarez Filgueiras de Góis, casado, professor, 60 anos, no dia 07 de julho de 2008.

<sup>67</sup> Entrevista concedida à autora por Auri Andrade, casado, aposentado, 76 anos, no dia 08 de julho de 2008.

fiquei casado até 36 anos, ela faleceu em 95, aí eu fiquei meio desorientado, mas tinha 12 filhos, 6 homens e 6 mulheres (Manoel Ruzio<sup>68</sup>).

Dessa forma, percebe-se que, inclusive nos casamentos advindos das fugas, tendiam a durar até a morte e que, neles, também havia a forte presença do “romantismo” por parte do homem.

O casamento, sendo aceito pelas famílias de ambos, era um “novo mundo” a ser vivido. Enquanto a mulher passaria de parte componente de uma casa para dona de outra e obedecer a outros moldes previamente estruturados; o homem passaria a ter mais liberdade, a ser considerado por todos como mais “capacitado”. De acordo com um trecho retirado de um jornal da década de 50, usado por Bassanezi<sup>69</sup>,

a sociedade conjugal pressupunha uma hierarquia, respaldada pela legislação, em que o marido era o chefe, detentor de poder sobre a esposa e os filhos, a quem cabiam as decisões supremas, a última palavra. Logo abaixo vinha a autoridade da esposa. Era considerado importante que o casal conversasse e trocasse idéias, mas pertencia ao homem – de acordo com a natureza, Deus e o Estado – a direção da família.

A valorização do homem na cidade de Soledade, nas décadas de 1950 e 60, não era tão diferente. O homem era visto como superior, em detrimento da imagem feminina, uma vez que ela na grande maioria das vezes dependia dele para muitas coisas, chegando a ser discriminada quando, por motivo qualquer, ele mesmo deixasse a casa. Os direitos concernentes a relacionamentos extraconjugais expressavam bem essa forma de superioridade do homem. Desde a juventude, o mundo da sexualidade “se abria” com mais facilidade para os rapazes, enquanto que para as moças era preciso, pelo menos aparentemente, esconder determinadas informações que as pusessem em curiosidade e na tentação. Os rapazes, antes de procurarem um namoro sério, tinham o direito de procurar várias mulheres, visto que “a virilidade dos homens era medida em grande parte por essas experiências, sendo comum serem estimulados a começar cedo sua vida sexual”<sup>70</sup>. Nesse âmbito de adquirir experiência vemos o seguinte relato feito pelo Sr. Auri<sup>71</sup>: “deu trabalho para conquistar, eu fui diferente do povo de hoje. Naquela

<sup>68</sup> Entrevista concedida à autora por Manoel Caetano de Souto (Ruzio), viúvo, funcionário público aposentado, 78 anos, no dia 08 de julho de 2008.

<sup>69</sup> BASSANEZI, Carla. “Mulheres dos Anos Dourados”. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 626.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 613.

<sup>71</sup> Entrevista concedida à autora por Auri Andrade, 76 anos, casado, aposentado, no dia 08 de julho de 2008.

época, eu não namorava, ia logo com mulher, minha aproximação era logo com mulher, namorada era segundo plano, daí desenrolei com mais facilidade”.

As características dos homens foram aqui traçadas, sendo enfatizada sua fase de namoro, no intuito de introduzir o próximo tópico, que trata da sua vida atrelada ao convívio social. Ele, diferente da mulher, tem uma participação ativa no exterior da casa, mas, como veremos no decorrer do texto, ele também contribuiu na elaboração da imagem da família nas décadas de 1950 e 60 em Soledade.

### ***Homem: “trabalhador e esposo”***

Assim como a infância e o namoro, o trabalho que é exercido pelos homens tem, tanto para eles como para a sociedade, uma função relevante na construção de uma época. Diferentemente do trabalho da mulher que, como visto no capítulo anterior, é atrelado ao interior da casa, o homem se afirma enquanto dedicado ao âmbito público e procura nele seu meio de trabalho, e também uma forma de não esquecimento de seus feitos, o que explica o excesso de alguns ao falar sobre sua vida, relatando nesta todos os passos de seu trabalho. Em uma das entrevistas, por exemplo, foi preciso retomar sempre ao tema perguntado, visto que o entrevistado inseria sua “carreira” em todas as perguntas, por vezes, perdendo-se o fio condutor da conversa. Podemos corroborar essa análise com alguns trechos da fala desse entrevistado, um funcionário municipal, no qual está presente praticamente todos os seus feitos, assim como o reconhecimento destes como um estruturador na formação da cidade onde mora:

Eu nasci no Capunga, Estado Velho, trabalhei naquele setor do Capunga quando passei já pra 15 anos e passei a trabalhar aqui na cidade sabe, passei a trabalhar como servente de pedreiro, aí durante quando eu completei 20 anos entrei na prefeitura, foi no governo do primeiro prefeito eleito em Soledade [...]. É a minha portaria ainda feita de pena<sup>72</sup> sabe [...]. Eu fiquei na empresa de luz até 65, quando chegou a energia de Paulo Afonso aqui em Soledade. Quando chegou a energia eu passei trabalhar de construtor de pedreiro na prefeitura, passei mais 4 anos, fui nomeado secretário de obra na prefeitura e construí é, diversos prédios, calçamentos, é barragem [...] construí a prefeitura, aquela que foi demolida, construí aí onde é a prefeitura era o ginásio Dr. Trajano Nóbrega, foi o município que construiu, esse prédio que “tá” sendo a prefeitura, “num” sabe; eu construí a rodoviária em 76, depois eu construí a escola lá em santa Tereza que hoje tem o nome de Maria do

<sup>72</sup> A escrita da portaria feita com tinta de pena.

Carmo; com o tempo também a creche, passagem molhada ali no cemitério, escolas nas zonas rurais, e muitos outros, como posto de telefone, de saúde, em vários locais, reformas, ampliação. No meu tempo de garoto foi um sacrifício, sabe, eu trabalhava muito [...] e esses 12 anos desenvolvi muita coisa, aqui em Soledade de 8 anos atrás foi tudo passado por minhas mãos [...]. Hoje “to” com 78 anos, ainda faço serviço [...] trabalhei com muita gente e com esse prefeito agora eu ainda trabalhei 5 meses com ele tenho o maior prazer de fazer as coisas, eu não tenho leitura, mas tenho muita bagagem (Manoel Ruzio<sup>73</sup>).

Estes são alguns trechos selecionados para corroborar o valor que o homem dava a seu serviço, sabendo que sua família dele dependia e que sua imagem na sociedade é delineada de acordo com uma função que lhe represente como homem de dignidade e esforço. Segundo a visão dos soledadenses das décadas de 1950 e 60, é isto que o trabalho traz para o homem, dignidade. É por meio dessa função que os pais podiam escolher os futuros maridos de suas filhas, tendo eles condição de sustentá-la e evitar, inclusive, que esta volte para casa depois de casada.

A situação de “superioridade” do homem continua no casamento, onde os direitos e os deveres são diferenciados para ambos. Um exemplo disso é a “obrigação” do homem simplesmente pela manutenção material do lar e a pela “capacidade” de manter as aparências. Conforme Bassanezi<sup>74</sup>:

Se o marido infiel mantivesse minimamente as aparências e continuasse provendo sua família com bens materiais, as esposas não deveriam se queixar. Afinal, a infidelidade masculina justificava-se pelo temperamento poligâmico dos homens – um fator natural que, mesmo quando considerado uma fraqueza, merecia a condescendência social e a compreensão das mulheres.

Acerca dessa questão da traição masculina, não vemos entre eles alusões a tais fatos, uma vez que, para o praticante, as marcas não ficam tão gravadas, visto que a eles cabia a atitude de sustentar a casa e manter sempre as aparências. Dessa forma, a duração do casamento também cabia à mulher, pois sua reputação se abria a uma decadência contínua, principalmente se a “separada” resolvesse viver com outro homem; enquanto a realidade no âmbito masculino era outra, “o fato de ter outra mulher não manchava sua reputação”<sup>75</sup>. Conforme esta historiadora, entre as décadas de

<sup>73</sup> Entrevista concedida à autora por Manoel Caetano de Souto (Ruzio), viúvo, funcionário público aposentado, 78 anos, no dia 08 de julho de 2008.

<sup>74</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: *História das mulheres no Brasil*. Org. Mary Del Priore. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 635.

<sup>75</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: *História das mulheres no Brasil*. Org. Mary Del Priore. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 636.

quarenta e sessenta, aumenta o número de mulheres que se declaram separadas; mas na cidade de Soledade, cidade pequena, essa prática não se fazia muito presente e, segundo os próprios entrevistados, o casamento era algo que durava muito, incluindo a repetição do que era dito no altar, “durava até que a morte os separava”. Os entrevistados se referem aos hábitos de sua época, comparando com o presente, como vemos na fala de Manoel Caetano<sup>76</sup>:

[...] era um casamento mais seguro, é tanto que daquela época quem casou, vive unido até hoje... Permanece com as esposas, é diferente de hoje, que se casa por um amor de assim... de novela, aí perde aquele amor [...] com poucos dias tão deixando. E aquele amor de antigamente é 30, 40, 50, 60, era seguro, só a morte que separava aquele amor.

Há, portanto, uma forte idealização do amor romântico; assim como a mulher, o homem do interior também valorizava a presença do amor dentro do casamento, uma vez que se trata de uma época de dificuldades e estas são ultrapassadas ao lado daqueles onde a confiança e o respeito era indispensável, surgindo daí um forte sentimento, o amor.

Os filhos, nessa época mais numerosos, atribuindo-se para isto, segundo as pesquisas, vários fatores. Dentre os quais podemos citar a falta de controle de natalidade, assim como a facilidade em se criar socialmente os filhos, onde o comportamento deles era “diferenciado” dos atuais. Sobre a primeira questão, um dos entrevistados, o Sr. Juarez<sup>77</sup>, nos lembra os impasses concernentes à época:

[a mulher] era uma máquina de fazer filhos, então, a visão de família era diferente de hoje. Hoje a gente tem dois filhos [...], isso porque a gente não consegue educar todos, uns dois ou três, o quarto já não se consegue, então a visão daquela época era diferente; outra coisa, a igreja era quem controlava porque evitar um filho era um pecado mortal, a igreja hoje, já existe um consenso de todas as igrejas desse controle da natalidade porque não há condição de se ter muitos filhos num mundo de hoje com tanta violência, a falta de emprego [...].

Percebe-se, portanto, a importância que se dava à educação e às condições de honradez e dignidade que se dava à família, incluindo inclusive o papel da Igreja nas decisões do casal.

---

<sup>76</sup> Entrevista concedida à autora por Manoel Caetano Souto, 63 anos, casado, comerciante, no dia 10 de julho de 2008.

<sup>77</sup> Entrevista concedida à autora por Juarez Filgueiras de Góis, casado, professor, 60 anos, no dia 07 de julho de 2008.

Deste modo, de acordo com as análises acerca das famílias nos séculos 50 e 60, vemos as diferenças concernentes às práticas do homem e da mulher, desde a fase de “namorico” até a formação da família. As visões modificam de acordo com os gêneros, visto que, a sociedade obedecia, com mais rigor que os dias atuais, a uma hierarquia.

Nos objetivos dessa pesquisa, a saber, a importância supracitada, assim como a função das tradições orais, vemos como podemos realizar novas interpretações acerca das imagens da mulher e do homem. Podemos ressaltar a importância da memória, não só para os historiadores, como para os moradores da cidade de Soledade, que viveram no período a que nos referimos.

## *Considerações Finais*

As fontes analisadas para a realização desta pesquisa foram todas de muita importância historiográfica, visto que para a reconstrução de uma história é preciso acontecer um elo entre o “geral” e o “particular”. Para entendermos o que aconteceu num tempo e num espaço definidos, precisamos verificar onde estas restrições se encontram, quais acontecimentos contribuíram para a formação de uma dada sociedade. No entanto, a colaboração de pessoas “anônimas” (ou “comuns”) merece grande destaque, pois da memória delas vieram o corpo e a alma da pesquisa.

Mesmo levando-se em conta o valor das testemunhas orais, deve-se ressaltar o cuidado apontado por Portelli<sup>78</sup>: “[...] a supervalorização das fontes orais terminam por cancelar as qualidades específicas, tornando estas fontes em meros suportes para fontes tradicionais escritas, ou cura ilusória para todas as doenças”. Por essa questão, este trabalho procurou fazer pontes com fontes comprobatórias como livros que tratam do tema abordado.

Ativamente, o narrador deveria fazer transparecer a “verdade” para o ouvinte, no qual também fica responsável pelas palavras que escuta; portanto, ambos contribuem mutuamente para a qualidade do que vai ser produzido. Sobre a importância destes dois personagens, Bosi<sup>79</sup> afirma: “entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência”. Tal fala da historiadora corrobora uma relação de mútua confiança que há entre entrevistador e entrevistado para a realização de um trabalho, uma vez que o mesmo pôde ser finalizado com êxito, sendo alcançados os objetivos traçados para o mesmo.

Pelas fontes orais foi possível traçar discursos sobre as famílias nas décadas de 1950 e 60 na cidade de Soledade, interior da Paraíba, delineando as “funções” do homem e da mulher. Para tanto, foi verificada a contribuição da sociedade – parentes, amigos, as autoridades locais (que exercem poder de persuasão em pequenas cidades da época) – na formação do quadro da família, visto que cada uma delas vivia/vive problemas específicos. Porém, o que faz os hábitos/costumes se transformarem em

---

<sup>78</sup> PORTELLI, A. *O que faz a história oral*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.9, nº. 19. Setembro de 1989. p.26.

<sup>79</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.90.



modelos são as conseqüências benéficas que eles podem trazer para a sociedade no todo, delineando assim um cenário com semelhanças, as quais interessam para o quadro de análises como as nossas.

A contextualização histórica, inserindo a cidade de Soledade dentro de suas esferas maiores, como a Paraíba e o Brasil, foi passo importante para a compreensão de comportamentos referentes à época analisada. Assim, percebeu-se que a *memória individual* é uma parcela da *memória coletiva* e que ambas contribuem para a formação de discursos sobre a história de uma localidade.

Apesar da memória oral, o material utilizado para esboçar certos aspectos da cidade de Soledade foi pesquisado em um livro, cujo autor é cidadão da própria cidade, enfatizando o valor que esta tem para seus moradores e que os habitantes têm fontes necessárias para transmitir sua historicidade no decorrer do tempo.

A escolha entre as entrevistas obedeceu alguns critérios, como a participação efetiva do entrevistado na cidade de Soledade nas décadas de 1950 e 60, tendo alguns, inclusive, materiais fotográficos e documentários disponíveis para empréstimo, sua carga de experiência e as diferentes versões entre um e outro, de acordo com a vivência social e econômica que presenciou, assim como o interesse dado às perguntas propostas. No tangente à confiabilidade das análises, o entrevistador não percebeu relatos que pudessem pôr dúvidas na formação das famílias ou da cidade, ou na contribuição do entrevistado na época analisada. Baseando-se numa entrevista conduzida informalmente por uma conversa, o analisado não foi interrompido, sendo, portanto, em alguns trechos de sua fala, não tão interessante para a formação do corpo do trabalho. Dessa forma, foi minuciosa a escolha dos trechos para que as citações corresponderem ao tema analisado no decorrer do texto.

O êxito do trabalho está expresso entre as linhas transcritas da memória dos cidadãos de Soledade, uma vez que, o leitor percebe nelas os anseios, a esperança que cada um preserva no interior. Assim, como também, os problemas pelos quais passaram e, de alguma forma são lembrados cortando a fala como expressões “como se diz”, “assim...”, “coisas [...] que a gente não vai dizer”, entre outras; e bons acontecimentos que não saem de suas recordações. Vejam como a memória é um lugar de fala interessado.

Sendo realizada acerca das famílias nas décadas de 1950 e 60 na cidade de Soledade, e sendo este, permeado de provas orais comprobatórias – que puderam se assemelhar com escritas – esta monografia fica, portanto, como registro de uma parte da

história da cidade e de seus moradores, podendo ser esta, material importante para futuras análises e trabalhos afins.

## ***Referências Bibliográficas***

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.

BASSANEZI, Carla. “Mulheres dos Anos Dourados”. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CORRÊA, Mariza. “Repensando a Família Patriarcal Brasileira”. In: ARANTES, Antônio Augusto *et all*. *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1994.

FALCI, M. Knox. “Mulheres do Sertão Nordestino”. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. (Orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. 2ª ed. Tradução de Luiz Alberto Monjardim, Maria Lúcia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FILHO, Inocêncio Nóbrega. *Malhada das Areias Brancas*. Fortaleza: Escola Tipográfica São Francisco, 1974.

FONSECA, Claudia. “Ser mulher, Mãe e Pobre”. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do Mundo Feminino”. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.) & SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 3.

NUNES, Maria José Rosado. “Freiras no Brasil”. In: DEL PRIORE, Mary (org.) *História das Mulheres no Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PORTELLI, A. “O Que Faz a História Oral”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 9, nº 19. Setembro de 1989.

SAMPAIO, Paula Faustino. “Já sei namorar: memórias dos namoros em Cabaceiras - PB entre os anos de 1930 e 1940”. In: SOUZA, Antônio Clarindo de (org.) *Textos Didáticos – Ano 1, vol. 1, nº 1 – Campina Grande: EDUFCEG, 2006 – v – (Série História)*.

VERENA, Alberti. *Manual de História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.